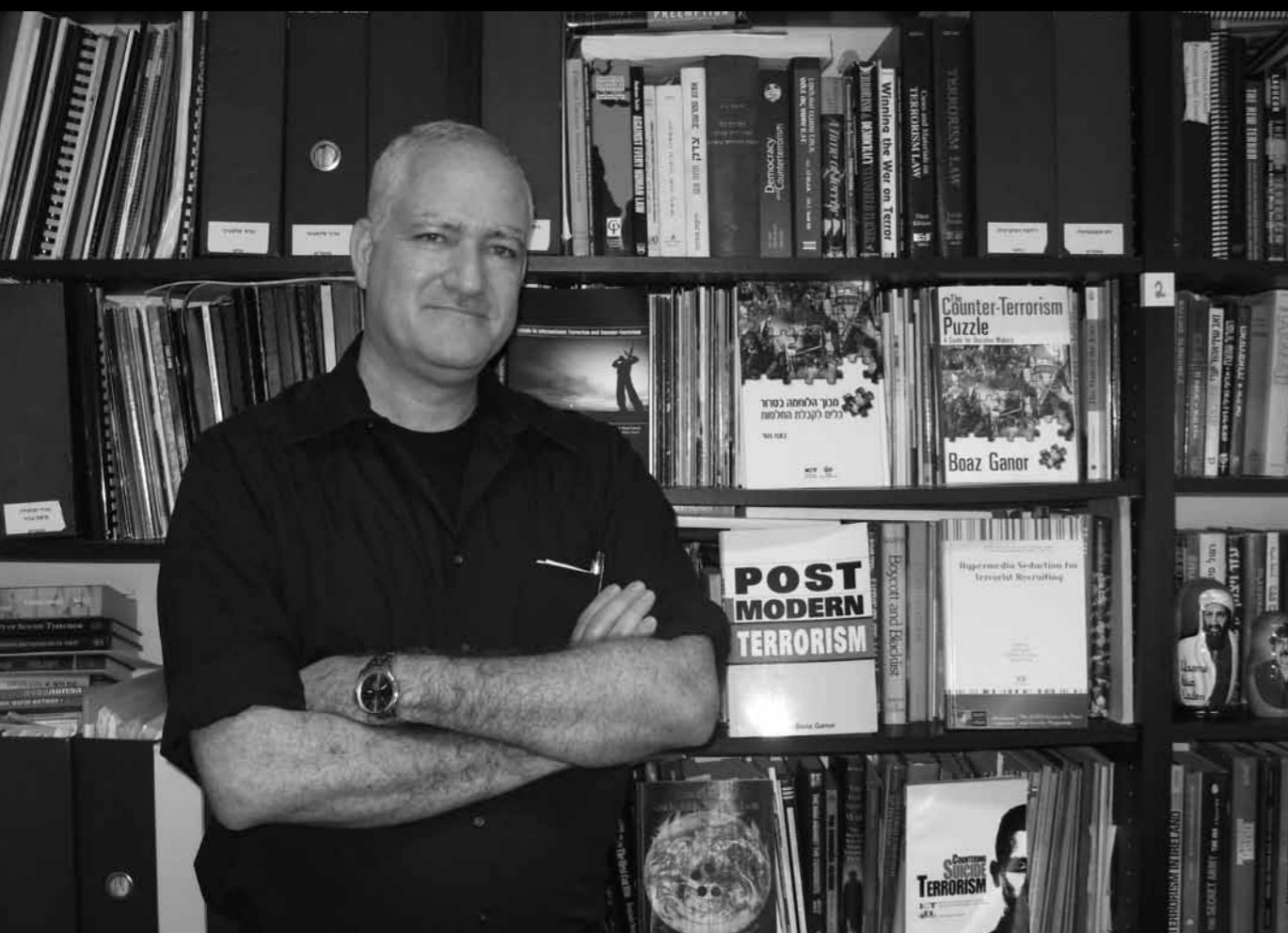


## | BOAZ GANOR – Investigador de Contraterrorismo |

## «O CONTRATERRORISMO É UMA ESPÉCIE DE ACTIVISMO DE DIREITOS HUMANOS»

*É um dos mais conceituados investigadores de contraterrorismo. Há 25 anos que estuda este fenómeno no mundo e actualmente dirige o Instituto de Contraterrorismo, em Israel, um estabelecimento de ensino superior especializado, que junta operacionais de segurança com académicos de várias disciplinas. Boaz Ganor é um crítico da estratégia israelita de combate ao terrorismo e acredita que é com a educação que, a longo prazo, se pode travar a radicalização dos grupos islâmicos. Na sua tese de doutoramento analisou o dilema das sociedades democráticas no combate ao terrorismo, o «grande dilema do século XXI», como afirma. Como encontrar o equilíbrio entre direitos, liberdades e garantias e as medidas de segurança que são necessárias aplicar para proteger os cidadãos? Ganor sustenta que não é uma resposta fácil. No entanto, na sua opinião, há um valor que se sobrepõe a todos os outros: o direito à vida e a tudo fazer a defender.*

Entrevista conduzida por Valentina Marcelino, Jornalista do Diário de Notícias



«HOJE EM DIA O TERRORISMO INTERNACIONAL É PRINCIPALMENTE O TERRORISMO DA JIHAD»

**Qual é a sua definição de terrorismo?**

Parece uma questão simples mas não é. Não há a nível internacional uma definição única de terrorismo e sem ela, sem um acordo internacional na definição sobre o que é o terrorismo, nunca atingiremos um nível de cooperação internacional que é preciso. Todos dão as mãos e dizem que estão juntos no combate ao terrorismo, mas se definem o terrorismo de forma diferente, qual é o significado desta cooperação? Para mim, o terrorismo é o uso deliberado da violência entre e contra civis com o objectivo de alcançar objectivos políticos. É curta, precisa, mas vai directo ao centro da questão. Duas coisas são aqui muito importantes: o terrorismo não é um objectivo, é uma tática para atingir uma meta. E a meta é sempre política. Mesmo Bin Laden, que tem sido motivado por reivindicações religiosas, também tem um objectivo político, porque ele gostava de criar um estado de califado internacional, dirigido pela lei da Sharia. Este objectivo político é um denominador comum para os grupos nacionalistas, fascistas, comunistas, anarquistas, terroristas, etc., ao longo da história. Todos querem atingir objectivos políticos através do uso deliberado da violência contra civis. É diferente da guerra de guerrilha, que é o uso deliberado da violência entre e contra pessoal militar, para atingir objectivos políticos.

**Mas a maior parte dos países ocidentais que cooperam no combate ao terrorismo, não concordam com essa definição?**

Infelizmente não. Nem Israel. Dou um exemplo: a definição oficial do departamento de Estado dos EUA é que o terrorismo é o uso deliberado da violência entre e contra não combatentes. Não são civis. Isto quer dizer que o ataque contra o navio de guerra americano no Iémen, há dois anos, foi um acto terrorista aos olhos dos EUA. Para mim não. Outro exemplo, o ataque à base militar americana na Arábia Saudita, não é terrorismo, é guerrilha. Assim como as agressões contra soldados israelitas são actos de guerrilha. Não são no campo de batalha. Vejo uma grande diferença entre aqueles que atacam pessoal militar e os que deliberadamente atacam os civis, crianças, jardins infantis, locais públicos. Porque é tão importante? Veja o exemplo da nossa região. Encontramos palestinianos que dizem que não são terroristas, que são 'lutadores pela liberdade'. A minha resposta para eles é esta: talvez sejam «freedom fighters». Mas eu, enquanto israelita posso con-

siderar-me um 'lutador pela liberdade' porque vocês não me dão o direito de existir aqui como um país judeu livre. Por isso estou a lutar pela minha liberdade. Mas, aceitando que são «freedom fighters», na minha opinião têm o direito de usar a violência para atingir a liberdade. Mas há um tipo de violência que mesmo os «freedom fighters» não têm o direito de usar. O uso deliberado de violência contra civis. Se um activista do Hamas disser que não é um terrorista porque está a lutar pela sua liberdade, dir-lhe-ei que talvez o seja, mas que passa a ser um terrorista a partir do momento em que ataca civis.

**Como é que visualiza o mundo num futuro próximo, no que diz respeito aos objectivos, táticas e principais tendências dos grupos terroristas?**

Existem algumas tendências bastantes preocupantes no palco internacional. Hoje em dia o terrorismo internacional é principalmente o terrorismo da Jihad. As pessoas perguntam muitas vezes porque ligamos este terrorismo a uma religião. E isso lembra-me quando, há uns anos, fui dar uma conferência a Bruxelas, na qual, antes de apresentar a minha palestra, falou um imã islâmico. O imã disse à audiência europeia que não entendia porque se falava no Islão, na Jihad Global, no terrorismo islâmico, pois o Islão era apenas sobre fazer o bem, uma religião pacífica e que a Jihad não tinha nada de negativo, só pretendia justiça e o bem. Eu falei a seguir e disse-lhe: 'meu amigo, obrigado por ter vindo de tão longe dividir essa informação importante connosco. É muito importante para nós, ocidentais, europeus, israelitas, saber que estas pessoas, os terroristas, não representam o Islão. É bom saber que o Islão advoga as boas acções, a justiça, a clemência e não as acções violentas. Mas, digo-lhe outra coisa: se quer ter uma missão na vida não é vir a Bruxelas dizer isso. Pode ficar no seu país, ou ir a outros países perto, dizer a esses muçulmanos que andam a matar civis inocentes em nome do Islão, a levantar a bandeira da Jihad, que isso não é o Islão, nem a Jihad. É contra todos esses conceitos. O senhor tem um problema na sua religião. Não estou a dizer que a religião é um problema, mas tem um problema na vossa religião. E têm que resolver e discutir essa questão internamente. Não convencer-nos que isso não é o Islão, mas convencendo-os a eles que não é'. Este é um dos principais problemas actualmente. Temos esta tendência no mundo muçulmano e raramente vemos muçulmanos corajosos a manifestarem-se contra. Têm

«TEMOS UMA SOCIEDADE OCIDENTAL MUITO CONFUSA EM TERMOS DE LIDERANÇA»

medo, pessoalmente. E não falo só de países muçulmanos, refiro-me também a comunidades muçulmanas em países ocidentais. Esta radicalização é, claramente, uma das tendências a ter em conta. Outra, que parte desta primeira, é a propagação da Jihad islâmica, que começou pela Al-Qaeda e depois se transferiu para as 'filiais' da AQ, a JSPC, no norte de África, a AQ iraquiana de Zarkawi, etc, etc. Hoje em dia propagou-se ao chamado 'terrorismo interno' («home-grown terrorism»), em que comunidades muçulmanas em vários países do mundo adoptaram essas visões extremistas do Islão que as motivam a lançar ataques terroristas. E isto é muito mais difícil de lidar do que aquilo que assistimos em 2001, como o ataque de 11 de Setembro, nos EUA.

**Esse objectivo do 'califado', no qual Portugal também está incluído, não parece ser levado a sério pela generalidade da opinião pública da Europa... Se é real essa ameaça, o que se deve fazer para que as pessoas saibam a dimensão do que se passa?**

Eu não me refiro a isso de uma forma pessimista ou optimista. O que eu digo é que a comunidade internacional não vai ignorar este problema, incluindo os portugueses, bem como outras nações que ainda não sofreram de ataques terroristas até agora. Porque? Porque o terrorismo irá atingi-los. Isto é um fenómeno em expansão. Há 15, 20 anos, as pessoas diziam que isto era um problema do Médio Oriente, na Ásia central, e depois passou para África, depois para os EUA, para a Europa, Inglaterra, Espanha. Está a expandir-se. E se houver alguma pessoa no mundo que diga que é um problema que não lhe diz respeito, vai descobrir, infelizmente, que lhe diz respeito. Ou no seu próprio país, ou quando viajar para outro país. Não sei se isto é ser optimista ou pessimista, mas não tenho dúvidas que a comunidade internacional vai acordar.

**Vê o terrorismo como uma guerra religiosa?**

A Jihad global e a Jihad local é pura guerra religiosa. Mas não se trata de uma guerra entre religiões e é isso que as pessoas costumam confundir. Tem tudo a ver com religião. Porque aqueles indivíduos estão a ser motivados por aquilo que eles acreditam que é o destino divino: Deus está a dizer-lhes o que devem fazer. O que há mais religioso do que isto? Seria um erro dizer que esta é uma guerra entre religiões. Não é uma guerra do Islão contra o resto do mundo. A

maioria dos muçulmanos não aceita essa má utilização dos conceitos do Islão. Essas pessoas estão a fazer um mau uso do Islão para travar uma guerra religiosa, mas não representam o Islão como a maioria dos muçulmanos acredita.

**Qual é a razão porque a radicalização está a acontecer no mundo muçulmano? A pobreza é um factor determinante?**

Não aceito o argumento da pobreza. As pessoas mais pobres do mundo não são, provavelmente, os muçulmanos. Há centenas de milhões de indianos pobres ou habitantes da América Latina que não usam esse tipo de violência. É verdade que a pobreza pode servir como uma boa plataforma para esses islamistas recrutarem, fazerem lavagens ao cérebro, treinar acções de guerra, com o objectivo de conquistar 'corações e cérebros' («hearts and minds»), mas essa não é a raiz da causa. É uma causa instrumental. O problema é a percepção que têm do Islão. O terrorismo não é novo no mundo. Pode-se dizer que desde sempre a violência foi usada para atingir objectivos políticos. Mas aí eu contra-argumento dizendo que quando agora há pessoas que se dizem motivadas pelo que dizem ser a vontade de Deus, por vontade divina, são muito mais perigosas que qualquer outras. E isso porque não fazem compromissos. No terrorismo nacionalista, ou económico, ou social, pode-se falar com eles, fazer algumas concessões, mas quando se tem um inimigo que acredita que Deus o mandou para uma missão, não há nada que se possa negociar.

LIDERANÇA E EDUCAÇÃO

**Qual a melhor política para se prevenir a radicalização dentro das comunidades muçulmanas dos vários países europeus?**

Temos uma sociedade ocidental muito confusa em termos de liderança. Não sabem o que fazer. Por um lado não querem ter atitudes de força, não querem retaliar, com receio que mais muçulmanos passem a ser anti-ocidentais e se radicalizem ainda mais. Por outro lado, ao fazê-lo – mesmo estabelecendo ligações com os moderados – estão a encorajar os radicais. O conselheiro de contraterrorismo do President Bush publicou há meses um livro no qual escreve que os islamistas e os jihadistas não são os inimigos. A Al-Qaeda é que é o inimigo. Isto é um enorme erro. Por-

«A AMEAÇA MAIS PRÓXIMA SÃO OS ATAQUES QUÍMICOS»

que se está a enviar uma mensagem muito confusa para as comunidades islâmicas em todo o mundo. O presidente Mubarak do Egito e o Rei Abdalah da Jordânia sabem quem são os seus inimigos. São os jihadistas e os islamistas, os extremistas radicais que usam a violência para promover as suas ideias islâmicas radicais. Não se pode fingir que não se vê. Dizer que não há ligação entre o terrorismo, a jihad e os islamistas. Podemos dizer que o Islão é uma religião tão pacífica como qualquer outra. Pode-se dizer que o Islão não é mais dogmático que as outras religiões. Pode-se dizer que em qualquer religião pode haver pessoas que falam uma interpretação abusiva dos livros sagrados para incitar as pessoas ao terrorismo e à violência. Mas não se pode dizer que o islamismo e o jihadismo não são nossos inimigos porque assim as pessoas não sabem que é o inimigo. Neste momento a Al-Qaeda nem é o problema, é uma coisa marginal. O problema agora é o islamismo e o jihadismo que estão a radicalizar sociedades em todo o mundo. O 'terrorismo interno' está numa escalada sem precedentes. A bomba de 7/7 não foi da Al-Qaeda. Foram afiliados, pessoas que foram doutrinadas e inspiradas pela AQ.

**As organizações terroristas têm hoje mais capacidades que tinham no 11 de Setembro de 2001?**

Não penso que tenham mais capacidades, no que diz respeito a armas letais, explosivos. É verdade que estão a tentar obter novas tecnologias, que têm evoluído no tipo de engenhos explosivos que utilizam. Mas isto não significa que tenha aumentado a sua capacidade global. O problema não é esse. O problema é, na minha opinião, que para lançar um ataque suicida não é preciso nem muita tecnologia, nem muito dinheiro. Até se pode fazer tudo pela internet. Pode-se comprar os ingredientes da bomba numa loja qualquer, podem ter o laboratório no quarto. É isso que fazem. Expluda ou não, custa 100 ou 150 dólares. E pode-se causar muitas mortes. No entanto, há uma preocupação na comunidade contraterrorista internacional, relacionada não tanto com o 'terrorismo interno', mas com a organização terrorista internacional, que pode um dia por as mãos em materiais não convencionais, nucleares, radiológicos, biológicos e químicos (NRBQ). Isto é muito perigoso. Sem dúvida que há organizações terroristas que estão a pensar nisto, a tentar adquirir essas capacidades. Não é tão fácil como as pessoas pensam ter uma bomba nuclear – até para um Estado é difícil – mas há outras formas. Podem ten-

tar comprar no mercado negro ou tirar a quem tenha esses materiais, como o Paquistão, por exemplo. Ou o Irão, que pode vir a tê-lo no futuro e disseminá-lo para outros grupos como o Hezzbolah ou outras organizações terroristas. Estas ameaças são muito concretas e temos que começar a pensar nelas hoje. Mas, no entanto, não creio que o terrorismo nuclear seja uma ameaça imediata.

**Qual é então a ameaça mais próxima?**

São os ataques químicos. Porque é muito fácil quer fabricar, quer comprar os seus componentes e usá-los. Um terrorista pode usar instalações onde estão esses produtos químicos, atacá-las de forma convencional e produzir uma reacção em cadeia não convencional. Por outro lado, hoje em dia, a maior parte dos grupos terroristas usam os EEI (engenhos explosivos improvisados) que contém alguns ingredientes químicos que se retirados e misturados com outros resultam num 'veneno', em vez de uma bomba. O «know how» é muito simples e não é preciso sequer laboratórios sofisticados para produzir.

**E têm informação que haja já grupos terroristas a preparar estas 'bombas' químicas?**

Mais que informação, está já a acontecer. Temos vários exemplos de tentativas já feitas por terroristas. Há casos no Iraque de uso de cloro para atacar soldados americanos e outros da força internacional. Estamos agora numa altura muito perigosa de transição, do terrorismo moderno para o terrorismo moderno não-convencional.

**A Al-Qaeda tem capacidade actualmente para um novo 11/9?**

O terrorismo e o contraterrorismo têm uma relação curiosa entre si. Ambos os lados tentam pensar de forma inovadora. Ter novas tecnologia, novos 'modus operandi'. Os terroristas querem estar sempre um passo à frente, com novas ideias que os contraterroristas ainda nem sequer pensaram. Mas os contraterroristas têm que ter ideias que os terroristas nem imaginam. No 9/11 os terroristas ganharam esta competição. Hoje é perfeitamente possível que eles vençam outra vez. Há muitos deles, infelizmente alguns inteligentes, que pensam em novos cenários, novos «modus operandi» que nós nem sonhamos. O desafio

«O DESAFIO PARA QUALQUER CONTRATERRORISTA É TENTAR PENSAR INOVADORAMENTE»

para qualquer contraterrorista é tentar pensar inovadora-mente e esperar não só no que vão fazer amanhã mas o que vão fazer depois de amanhã.

**E como podem os estados ocidentais, democráticos, enfrentar este terrorismo sem perder os seus valores e princípios de direitos, liberdades e garantias?**

Esse é o maior dos desafios do século XXI. O nível de ameaça terrorista no mundo hoje não tem precedentes e vai ficar ainda muito pior. Estive nos EUA quando o 9/11 aconteceu. Ia participar numa conferência – coincidência – sobre os bombistas suicidas. Fui entrevistado logo depois por vários media dos EUA. A pergunta que todos me faziam era ‘como vamos apanhá-los?’. Horas depois do atentado toda a gente queria caçar os terroristas, acabar com eles. Ninguém queria saber de direitos liberais democráticos. Hoje em dia muita gente me pergunta o que penso do ‘Lei Patriota’ («Patriot Act»). Respondo que não é uma boa lei. É muito pior que qualquer lei anti-terrorista em Israel. Mas não culpo Bush. Ele tinha que fazer alguma coisa nessa altura, para reforçar as forças de segurança e os serviços de informação. Obama, apesar de criticar a Lei Patriota, não mudou assim tanto o diploma. Tenho a certeza que se houvesse outro 9/11 ele teria também a sua Lei Patriota. É natural, especialmente nas sociedades democráticas. Numa democracia há uma coisa que as pessoas exigem do seu governo eleito, mais que qualquer outra coisa, antes mesmo da Segurança Social, ou da Economia. A Segurança. Estão reunidos numa comunidade, num Estado, escolheram os seus líderes para que os protegessem. Um líder democrático depois de sofrer ataques terroristas receia uma enorme pressão interna para que faça alguma coisa. Ou dar mais poderes às polícias, ou mudar a lei, ou mais orçamento. Às vezes nem é preciso, mas é uma necessidade política interna.

**E como se define o limite entre os direitos, liberdades e garantias que são a base das nossas sociedades e as medidas de segurança necessárias que podem violar esses princípios?**

Não há uma resposta simples a essa questão. Não é preto ou branco, como algumas pessoas querem acreditar. As pessoas tendem a pensar que, ou se é um activista de direitos humanos ou um perito de contraterrorismo. Não. Primeiro, todos nós devíamos ser activistas de direitos

humanos, apoiar os valores liberal-democráticos. Mas, há um valor, um direito, que é mais importante que todos os outros juntos: o direito a viver. Para mim, o contraterrorismo é uma espécie de activismo de direitos humanos, porque tentamos promover o direito às pessoas a viver. Mas deve-se encontrar o equilíbrio, a ponte de ouro na qual se dá a máxima segurança que se puder, com o mínimo de dano desses valores. Essa é a orientação.

#### PREVENÇÃO E COOPERAÇÃO

**Qual a melhor estratégia de prevenção que possa vir a ter efeitos a longo prazo?**

Educação. Se sintetizar tudo o que aprendi sobre terrorismo nos últimos 25 anos, utilizaria aquilo que designo pela fórmula do terrorismo. É uma equação com dois campos: motivação e capacidade operacional. Quando há um grupo motivado para lançar ataques terroristas e tem a capacidade operacional que lhe permite materializar a motivação, é certo que vão acontecer ataques terroristas. Para se entender esta fórmula tem que se entender a equação que tem sido aplicada no contraterrorismo, que é semelhante. Investe-se na diminuição da capacidade operacional ou da motivação. Digo ou, porque se a grupo tiver um elevado nível de motivação mas não tiver capacidade operacional, não vai atacar. E vice-versa. No entanto, lidar apenas com um dos factores não é a solução para o terrorismo. É apenas temporária. Se não houver motivação hoje pode haver amanhã, se não tiverem armas hoje podem tê-las amanhã.

**A solução definitiva para o terrorismo é, então, reduzir os dois factores. Será o maior dos desafios do contraterrorismo hoje é tentar encontrar uma maneira de diminuir os dois factores ao mesmo tempo?**

Diminuir só a capacidade operacional, com operações militares, detenções e mortes, só faz aumentar o outro factor, a motivação. É o efeito boomerang do contraterrorismo. O presidente Bush percebeu bem que havia necessidade de reduzir a capacidade operacional dos terroristas e até fez um bom trabalho. Se ainda não vimos outro 9/11 é porque ele teve sucesso. No entanto, ignorou a necessidade de diminuir a motivação que leva ao terrorismo. Obama, por seu lado, tenta en-

«DEVE-SE COMBATER O TERRORISMO NO CAMPO MILITAR, MAS TAMBÉM NAS CABEÇAS DAS PESSOAS»

frentar a motivação que leva ao terrorismo, mas não tenho tanta certeza que ele compreenda a necessidade de reduzir a capacidade operacional dos terroristas. Na minha opinião nem os EUA nem nenhum outro líder ocidental, nem mesmo Israel, conseguiram encontrar esse equilíbrio e lidar com os dois factores ao mesmo tempo. Israel, por exemplo, está a fazer um excelente trabalho na redução da capacidade operacional dos terroristas, mas um péssimo trabalho na motivação.

**Como viu os sucessivos alertas de ameaça terrorista lançados recentemente por vários governos europeus? Não podem gerar pânico nas populações?**

Os recentes acontecimentos sobre as ameaças terroristas na Europa, levantam questões interessantes: que quantidade de informação deve ser pública? Alguns peritos acreditam que divulgar alertas é uma tentativa por parte dos serviços de segurança e decisores políticos de sacudirem a responsabilidade dos ombros, dispersando a informação pelo público. Eles acreditam que devem divulgar os alertas, por vezes vagos, outras vezes concretos. Em qualquer dos casos, é caro que tornando públicos estes alertas contribui para criar ansiedade na população e pode comprometer as fontes dos serviços de inteligência das quais a informação é recolhida. Os terroristas, por seu turno, que também tiveram conhecimento, tal como o público em geral, de que o Governo tem conhecimento das suas intenções, vão tentar surpreender as forças de segurança, ou atrasando os planos ou atacando outros alvos. Este é um exemplo perfeito dos dilemas complicados que os decisores políticos e as polícias devem ter em conta antes de tornarem públicos este tipo de alertas.

**E como devem as pessoas ser informadas das ameaças sem ficarem assustadas?**

Primeiro as pessoas têm que ser educadas, bem informadas sobre esta realidade. O terrorismo tem como objectivo aterrorizar. Os terroristas querem criar medo e ansiedade. Deve-se combater o terrorismo no campo militar, mas também nas cabeças das pessoas. Pode-se explicar às pessoas como é que os terroristas esperam que se comportem. Deve-se explicar ao público qual é a estratégia do terrorismo moderno. O ICT (Institu-

to de Contraterrorismo) fá-lo nas escolas secundárias aqui em Israel. Ensinamos como é que os terroristas pensam, o que pretendem alcançar e como esperam que eles, como cidadãos de Israel, reajam. Depois perguntamos: vão fazer o jogo deles e fazer exactamente o que estão à espera ou podem ser mais sofisticados, mais racionais se alguma coisa acontecer?

**Como é que o ICT conseguiu pôr a trabalhar em conjunto académicos, investigadores e operacionais das forças de segurança e dos serviços de informações?**

O terrorismo é um fenómeno multidisciplinar. Se se pensar em qualquer disciplina académica encontra-se uma relação de interesse com o terrorismo: psicologia, sociologia, direito, informática, química, biologia... Com todo o respeito pelos serviços de segurança, eles não têm essas competências académicas. Têm a «intelligence», sabem o que pode acontecer e tentam preveni-lo. A universidade não pode ajudá-los a inactivar uma bomba, mas pode ajudar a perceber o enquadramento global da situação, as causas, as fórmulas a que me referi e pode ajudar a definir as grandes estratégias políticas nas campanhas para reduzir a motivação e a capacidade, ajudar os decisores a produzir novas políticas. O meio académico pode ser relevante e trazer para a mesa o conhecimento específico dos estudiosos. Tornar esse conhecimento útil para a vida prática. Eu não acredito em torres de marfim. Mas é muito difícil de fazer o mundo académico entender isto. Criei o ICT em 1996, antes que o terrorismo fosse motivo de interesse para o mundo académico. Foi muito difícil. Depois do 9/11 foi muito mais fácil. Depois os EUA criaram varias instituições inspiradas no ICT. Estamos em permanente contacto, uma comunidade de especialistas de todo o mundo em rede. Para vencer a rede do terrorismo internacional tem que se criar uma rede plural em contraterrorismo, académicos, polícias, «intelligence», líderes muçulmanos moderados... temos de nos apoiar uns aos outros.